



CAPÍTULO 2

FOTOGRAFIA E ENSINO: PROCESSOS CRIATIVOS A PARTIR DE UM MATERIAL DIDÁTICO AUTORAL

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.489122513112>

Josiene Gomes dos Santos

RESUMO: Este artigo tem como foco refletir sobre o papel da fotografia no ensino de Artes Visuais, a partir de experiência artístico-docente com base na proposta e matérias didáticos desenvolvidos em pesquisa anterior. O material propõe percursos criativos nos quais os estudantes são convidados a fotografar a partir de atividades de observação, manipulação de imagens e apropriação de espaços. Cada percurso é concebido de forma a dialogar com conceitos centrais de obras de um artista previamente selecionado, promovendo conexões entre teoria e prática. O artigo também aborda as experiências vivenciadas no processo de ensino-aprendizagem em arte, destacando as potencialidades do uso de materiais didático-pedagógicos e publicações educativas em sala de aula, além de refletir sobre o papel da fotografia no ensino das Artes Visuais.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; arte; experiência; educação.

PHOTOGRAPHY AND TEACHING: CREATIVE PROCESSES BASED ON AN AUTHORIAL TEACHING MATERIAL

ABSTRACT: This article focuses on reflecting on the role of photography in the teaching of Visual Arts, based on an artistic-teaching experience supported by didactic materials developed in a previous study. The material proposes creative pathways in which students are invited to engage in photography through activities of observation, image manipulation, and spatial appropriation. Each pathway is designed to establish a dialogue with central concepts from the works of a previously selected artist, promoting connections between theory and practice. The article also

addresses the experiences lived throughout the teaching-learning process in art, highlighting the potential of using didactic-pedagogical materials and educational publications in the classroom, while further reflecting on the role of photography in Visual Arts education.

KEYWORDS: photography; art; experience; education.

INTRODUÇÃO

No contexto contemporâneo do ensino de Artes Visuais, discutir a produção de materiais didáticos autorais tornou-se fundamental diante dos desafios impostos pela diversidade de linguagens e mídias disponíveis. Este artigo parte da inquietação sobre como a fotografia pode ser incorporada de forma significativa às práticas pedagógicas, especialmente no ensino fundamental e médio, promovendo não apenas o aprendizado técnico, mas também a ampliação do repertório visual e o desenvolvimento do olhar crítico dos estudantes.

O trabalho teve origem na criação de um material didático-pedagógico proposto como atividade final da Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas, realizada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2020. A partir dessa experiência, deu continuidade às investigações no Mestrado Profissional em Artes (ProfArtes), ampliando as reflexões sobre os processos de ensino-aprendizagem em Artes Visuais e aprofundando a pesquisa acerca do papel da fotografia como recurso didático e poético no contexto escolar. Estruturado a partir de percursos criativos que dialogam com as obras do fotógrafo contemporâneo Pedro Motta, o material busca provocar a experimentação, a apropriação de espaços e a reflexão por meio da imagem.

Além da proposta em si, o artigo reflete criticamente sobre o papel do professor como autor de materiais pedagógicos sensíveis às especificidades da linguagem artística, analisando como publicações educativas, catálogos e materiais institucionais podem servir como referências inspiradoras nesse processo de criação. Ao tratar da fotografia como linguagem expressiva e investigativa, o estudo amplia a compreensão do ensino de arte para além das técnicas, enfatizando a importância da experiência estética e da construção de sentidos no cotidiano escolar. Neste sentido, a investigação não se limita à apresentação de um produto pedagógico, mas busca contribuir com as discussões sobre metodologias de ensino em arte, sobre o lugar da autoria docente na elaboração de propostas criativas e sobre os modos de engajar os estudantes por meio de práticas visuais que dialogam com o mundo que habitam.

Dessa forma, o presente trabalho contribui com os debates sobre as práticas educativas em arte, especialmente ao propor metodologias que valorizam o protagonismo discente, a criação autoral e o uso de recursos acessíveis como o

celular e a fotografia digital. Também se insere em um campo mais amplo de discussões sobre a formação docente em arte, ao considerar a produção de materiais pedagógicos como parte do processo criativo e investigativo do próprio professor, fortalecendo sua autonomia e capacidade de propor experiências significativas em contextos diversos de ensino.

A EXPERIÊNCIA NO ENSINO APRENDIZAGEM EM ARTES VISUAIS

Estabelecer estratégias metodológicas no ensino de arte é uma tarefa que requer de nós, professores, pesquisas e elaboração de planejamentos, voltados para a potencialidade de diferentes campos de desenvolvimento. A escola, como um local plural e dinâmico, permite, e às vezes até exige, que tenhamos sempre alguma “carta na manga”, o que influencia diretamente no método e na metodologia pretendida. Nesse processo, a experiência vivenciada pelo sujeito — seja estudante ou professor — assume papel central, pois é a partir dela que se constroem sentidos, interpretações e aprendizagens significativas.

Para Larrosa (2002), a falta de experiências está diretamente ligada a rotina do sujeito moderno, que está rodeado de novas tecnologias, busca por sucesso e a disponibilidade de informações diariamente. Todo o excesso de informações e o seu fluxo constante, impossibilita o sujeito de vivenciar experiências significativas e anula o saber genuíno:

A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituirmos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça (Larrosa, 2002, p.19).

Experiência, que o autor deixa claro, que o significado vai muito além da etimologia da palavra. Experiência não é só sobre experimentar e sim sobre sentir e sobre receber. Mas para isso é necessário tempo, abertura e disponibilidade.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larrosa, 2002, p.19).

Compreendo que para nós professores de arte, a experiência precisa ser priorizada, uma vez que ensinar arte está mais conectado ao processo do sentir, do analisar, do fruir. Mesmo que seja difícil criar momentos e espaços para isso, já que nos falta TEMPO. Com a correria diária e a busca por novas proposições, o tempo tornou-se uma espécie de “inimigo” para vivenciar novas experiências.

A valorização da experiência no ensino de arte é fundamental, já que a arte é um campo de expressão e interpretação em que os estudantes são incentivados a explorar a criatividade, emoções e percepções do mundo, tornando assim a aprendizagem mais significativa. Segundo Dewey (2010), a experiência está diretamente ligada ao imaginário e a relação com si mesmo, potencializando, portanto, o processo criativo:

Ocorre, ao final do processo da experiência com qualidade estética, o sentimento de consumação, isto é, o sentimento perceptivo de que a experiência foi bem vivida, pois intensificou as ligações imaginárias, a vontade de agir, inclusive de pensar mais; a consumação, por colocar o sujeito em uma situação de reconhecimento de conclusão de um processo, ou simplesmente por deixar marcas que mobilizam o sujeito a querer continuar (ou se envolver em outras) experiências, está ligada à modificação do si mesmo e/ou do meio social; o sujeito que participou de uma experiência com qualidade estética sente que chega à criação de sentidos, ideias, valorizações, gostos, atitudes, condutas, modos de estar juntos, produções culturais etc., que lhe permitem a continuidade da vida (Dewey, 2010 apud Andrade, Balancieri, 2023).

Para que a experiência aconteça de forma significativa, o fazer artístico é um elemento importante a ser considerado nos planejamentos das aulas de arte. John Dewey (2010) enfatiza que a educação, quando integrada à experiência estética, oferece aos estudantes uma oportunidade de viver e aprender de maneira rica e completa. São as atividades que colocam o aluno no centro do processo de aprendizagem, estimulando sua expressão cultural e emocional. Nesse contexto, o fazer artístico configura-se como uma experiência ao mesmo tempo individual e coletiva, pois, durante a produção, o estudante interage com os colegas, mas preserva sua autonomia criativa e suas escolhas estéticas pessoais.

A autora Ana Mae Barbosa (1991) defende que o fazer artístico deve estar no centro do ensino de arte, pois é através da experiência concreta que o aluno se envolve no processo criativo e se apropria dos conceitos de forma significativa. Apesar de vivenciarmos diversos desafios, como a falta de espaços e materiais, para que as atividades de práticas artísticas aconteçam de forma relevante, é importante que o fazer artístico esteja incluído na metodologia sempre que possível. Além disso, é importante destacar que o fazer artístico no espaço escolar não se limita ao desenvolvimento de técnicas, mas está diretamente ligado à formação integral do estudante. Ao experimentar diferentes linguagens visuais, o aluno amplia sua sensibilidade, fortalece sua capacidade de interpretação e aprende a se posicionar criticamente diante das imagens e símbolos que circulam na sociedade. Assim, o ensino de arte deixa de ser apenas um exercício de reprodução estética e passa

a constituir um espaço de investigação, reflexão e criação, contribuindo para a construção da autonomia e para o reconhecimento da diversidade cultural que compõe o contexto social dos estudantes.

É fundamental destacar que o professor-artista-pesquisador precisa, antes de tudo, estar aberto à criação de espaços de experiência nas aulas de arte, seja por meio de propostas que estimulem discussões e análises de imagens, seja por práticas artísticas que envolvam processos criativos. A vivência dessas experiências integra a formação profissional docente e contribui de maneira decisiva para o enriquecimento do repertório visual e cultural daquele que ensina. “A formação do educador ocorre em suas experiências diárias e por meio de incessantes pesquisas, refletindo, construindo e reconstruindo sua prática, buscando suporte pedagógico necessário para sua atuação profissional” (Cunha, 2012, p.14).

A experiência no ensino-aprendizagem em arte é, muitas vezes, aquela que permanece na memória dos estudantes ao longo de sua trajetória escolar. Atividades como pintar, esculpir, dobrar, desenhar, colar ou modelar vão além da simples execução de trabalhos manuais: tornam-se experiências sensoriais, simbólicas e intelectuais que mobilizam a criatividade, a expressão subjetiva e o pensamento crítico. Quando essas ações são conduzidas por propostas pedagógicas intencionais, que valorizam o processo tanto quanto o produto, elas possibilitam ao aluno experimentar diferentes modos de imaginar, representar e interpretar o mundo. A vivência artística, nesse contexto, deixa de ser apenas ilustrativa ou decorativa e se afirma como um exercício de investigação e construção de sentido.

Experienciar a arte é também uma forma de ampliar repertórios culturais, desenvolver a sensibilidade e cultivar um olhar poético e reflexivo, tanto sobre as produções próprias quanto sobre aquelas que compõem o patrimônio artístico da humanidade. Ao lidar com imagens, formas, texturas e conceitos, o estudante é instigado a estabelecer conexões entre suas vivências, sua percepção estética e as linguagens visuais com as quais interage. Assim, o ensino de arte revela-se como um campo fértil para o exercício da imaginação, da autoria e da escuta sensível, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, criativos e culturalmente engajados.

MATERIAL DIDÁTICO-PEDAGÓGICO E PUBLICAÇÕES EDUCATIVAS: POTENCIALIDADES PARA AS AULAS DE ARTE

O ensino de arte possibilita que tenhamos diferentes ferramentas para que o processo de aprendizagem seja pautado, em práticas voltadas para à autonomia e o processo criativo dos estudantes. Quando o professor se predispõe a criar o seu próprio material didático- pedagógico, alguns fatores precisam ser considerados, como: quem são estes estudantes e o seu repertório cultural e imagético:

A construção do material didático-pedagógico pensado pelo professor precisa estar alinhado a conceitos estéticos que possibilitem experiências práticas e reflexivas aos alunos. A compreensão e a subjetividade dos estudantes devem ser consideradas nestas propostas, uma vez que cada um possui um repertório único. Estas relações podem contribuir justamente com o uso e a construção de conhecimento em arte, permitindo que o material amplie as suas possibilidades. (Santos, 2020, p.16).

A criação do material didático-pedagógico, envolve não somente os estudantes, mas também o fazer artístico do professor e o seu repertório cultural. A autora Andrea Hofstaetter, pontua que a produção do material didático-pedagógico, criado pelo docente em Artes Visuais, podem ser dispositivos poéticos que provocam experiências no processo de aprendizagem:

Para a criação de proposições de aprendizagem em Artes Visuais, mediadas por objetos de aprendizagem, cabe, pois, ultrapassar concepções de ensino aprendizagem cristalizadas historicamente e propor alternativas para o cotidiano escolar. Neste sentido, os materiais didáticos entendidos como objetos propositores, podem ser pensados também como poéticos. E ganham a dimensão de dispositivos (Hofstaetter, 2017, p.2078).

O professor, portanto, ao construir o seu próprio material, tem a liberdade não só de escolher a metodologias que atendam melhor os estudantes, mas de exercitar a sua própria criatividade. Além de incentivar a pesquisa de novas práticas e refletir sobre a sua atuação como docente. Será o professor-artista-pesquisador que também avaliará e definirá as melhores estratégias do uso do material criado.

Segundo Geraldo Freire Loyola (2016, p.15), “é importante que o Professor escolha temas e procedimentos que estimulem os alunos a criarem o próprio trabalho [...]”, tal afirmação destaca a necessidade de investir o processo criativo dos estudantes, por meio de abordagens que podem ser desenvolvidas pelo professor. A valorização do contexto onde a escola está inserida, alinhando assim, o contexto cultural, social e histórico dos alunos, torna o conteúdo mais relevante e significativo e potencializa, principalmente, o interesse ao realizar as propostas.

A produção de um material didático-pedagógico, ainda envolve a relação estética, que é oferecida no seu uso. Relação essa, que pode estar baseada, na percepção e avaliação de uma obra de arte:

A concepção de materiais didático-pedagógicos, portanto, envolve pesquisa acerca da expressão artística, implica em reflexão estética. A estética lida com critérios de percepção e julgamento dos valores sensíveis contidos num objeto de arte. Além das questões formais e materiais, envolve reflexões acerca da ideia de criação e do conceito do que seja uma obra de arte, da temporalidade da sua produção, das proposições conceituais que a obra traz etc (Loyola, 2016, p.15).

É importante ressaltar, que ao produzir um material didático-pedagógico e levá-lo para a sala de aula, o professor estabeleça que os estudantes tenham autonomia em seu uso. O modo de uso de um material didático-pedagógico para o ensino de

Artes Visuais, poderá ser idealizado antes mesmo de ir para a sala de aula, mas como este será usado, poderá sofrer diferentes desdobramentos.

Um material didático-pedagógico, só acontece quando ele ocupa a sala de aula, antes disso, ele é só mais um material. Ao acessar o material didático-pedagógico pela primeira vez, a curiosidade possibilita que o seu uso também adote outras formas. No decorrer da sua utilização, estas possibilidades tornam-se mais evidentes e cabe ao professor avaliar a melhor forma de propor, em oportunidades futuras, propostas que alinham também aos desejos dos estudantes.

Ao longo da minha trajetória como docente, sempre busquei novas metodologias, para que as aulas de arte proporcionam experiências que permanecem na memória dos estudantes. Minha relação com o ensino-aprendizagem em arte também é marcada pelo interesse em publicações educativas e pela exploração de materiais didático-pedagógicos. Meu foco nas aulas sempre foi despertar a criatividade, e encontrei nesses materiais oportunidades para desenvolver metodologias que dialogassem com a escola e com a própria identidade dos estudantes.

Em 2020, ao cursar a especialização *Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas* na UFMG, decidi pesquisar na monografia, a criação de um material didático-pedagógico, a partir das obras do artista Pedro Motta.¹

A escolha das obras do fotógrafo Pedro Motta para o desenvolvimento do material didático-pedagógico deve-se pelo fato de que suas fotografias refletem um caráter criativo que configura a utilização de espaços públicos e naturais, possibilitando a reflexão de novos conceitos acerca da observação de imagens. Em suas obras o fotógrafo faz também uso de alterações digitais, o que estimula uma discussão sobre as modificações imagéticas atuais, tão presentes em nossa contemporaneidade. Além disso, muitas de suas obras mostram a natureza de maneira particular, seja em sua forma própria ou com a intervenção humana (Santos, 2020, p. 23).

O material didático-pedagógico foi inspirado em outros dois materiais educativos: o da 29^a Bienal de São Paulo e o da 30^a Bienal de São Paulo. Ambos contam com formatos que possuem perguntas ativadoras, proposições didáticas e imagens de obras das exposições vigentes. Acredito que a facilidade de circulação, as possibilidades metodológicas e o dinamismo desses materiais influenciaram diretamente na minha proposta final.

A caixa, que conta com seis séries fotográficas, uma ficha com a biografia do artista e doze fichas, divididas em três percursos educativos, propõe atividades de observação, compartilhamento, manipulação, além de possibilidades de questionamentos e formas de falar de si. A caixa ainda contém seis monóculos, que fazem parte de cada percurso educativo, com fotos autorais.

1. Pedro Motta. é um artista formado em Desenho pela Escola de Belas Artes da UFMG, atuando em Belo Horizonte, o artista passou por diferentes linguagens na arte até se fixar na fotografia. Iniciou sua atividade artística pesquisando as relações entre cidade e indivíduo; ampliando em seguida seu interesse para questões ambientais e o embate entre natureza e cultura.

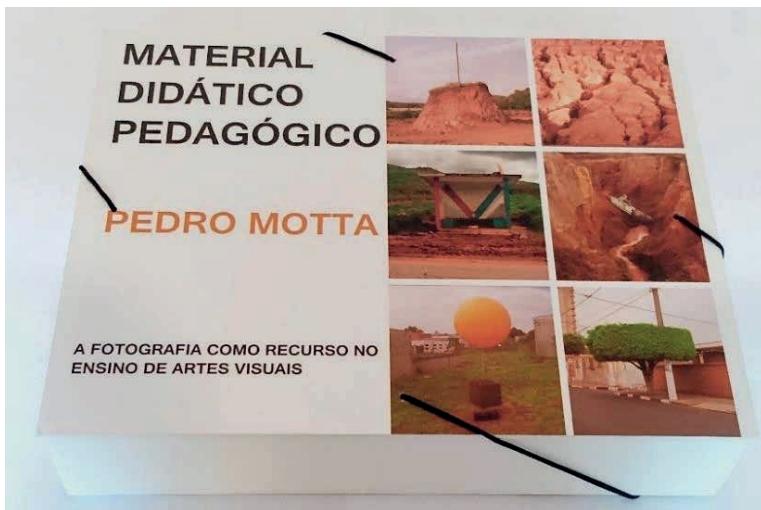


Imagen 1 – Caixa material didático-pedagógico Pedro Motta

Fonte: Acervo da autora (2020)



Imagen 2 – Séries fotográficas selecionadas e biografia do artista.

Fonte: Acervo da autora (2020)



Imagen 3 - Fichas de percursos educativos e propositivos

Fonte: Acervo da autora (2020)



Imagen 4 - Monóculos com imagens autorais

Fonte: Acervo da autora (2020)

Ao apresentar o material didático-pedagógico aos estudantes da Escola Municipal Senador José Alencar, instituição na qual atuo como docente desde o ano de 2022, no município de Contagem (MG), os alunos tiveram a oportunidade de explorar as fichas de atividades, bem como folhear o catálogo da exposição *Estado da Natureza*, do artista Pedro Motta. Um dos elementos que mais despertou interesse entre os estudantes foi o monóculo. Enquanto alguns já o conheciam, por meio de lembranças familiares — especialmente de avós —, outros demonstraram surpresa e encantamento ao descobrir sua funcionalidade e estética.

Embora os percursos formativos estivessem organizados com propostas de socialização, atividades coletivas e criações voltadas à exposição, optei por propor uma abordagem mais individualizada: cada aluno foi orientado a escolher uma ficha de cada percurso e realizar, de forma autônoma, a atividade correspondente. Essa escolha metodológica buscou estimular a autonomia discente, permitindo que cada estudante se conectasse de maneira mais pessoal e significativa com os conteúdos propostos.

As atividades foram realizadas semanalmente, e os registros fotográficos produzidos pelos alunos foram enviados para um endereço de e-mail criado exclusivamente para esse fim. O início de cada percurso era marcado pela leitura e discussão coletiva da ficha introdutória, que continha perguntas norteadoras e reflexivas. Ao término de cada etapa, as fotografias enviadas eram exibidas na sala de vídeo da escola, proporcionando momentos de apreciação e diálogo sobre os processos criativos de produção.

Esses espaços de troca e análise coletiva possibilitaram o compartilhamento de impressões e interpretações individuais, contribuindo significativamente para o aprofundamento das leituras visuais e simbólicas das imagens. A dinâmica promovida favoreceu o desenvolvimento de um olhar crítico por parte dos estudantes, permitindo que refletissem tanto sobre suas próprias escolhas quanto sobre as produções dos colegas, ampliando o repertório técnico e conceitual envolvido na prática fotográfica. Minhas experiências com material didático pedagógico têm sido marcadas pela escuta, pela experimentação e pela crença de que ensinar arte é, também, oferecer espaços de sensibilidade, liberdade e reconhecimento. Criar e utilizar esses materiais é uma forma de cuidar do processo educativo, valorizando o saber de cada aluno e incentivando sua expressão no mundo.

Para que o professor se inspire nas produções dos seus próprios materiais didáticos- pedagógicos é importante que este procure referências que possam auxiliá-lo no processo de elaboração, como por exemplo, as publicações educativas. Essas publicações podem servir de base para projetos, pesquisas ou até como guia para atividades artísticas, incentivando discussões e diferentes interpretações. O

uso torna o aprendizado mais interessante, ajudando os estudantes a vivenciarem, refletirem e praticarem arte de forma mais dinâmica. Ao ter acesso a catálogos, cadernos, postais ou folhetos, o professor pode ter exemplos e referências visuais que dialoguem diretamente com o contexto dos alunos. O processo de produção de material didático-pedagógico envolve várias etapas, que exigem planejamento cuidadoso e criatividade. As publicações educativas, podem desempenhar um papel fundamental nesse processo, influenciando de forma positiva, tanto na estrutura quanto no conteúdo do material.

O texto da publicação educativa da 31^a Bienal de São Paulo cita que o material “[...] pretende ser uma ferramenta para aproximar você e seu grupo de alunos do universo da exposição, mas ser também um material que permita usos múltiplos”. Essa afirmação destaca a importância de usar um material a partir de uma exposição específica, mas demonstra que ele também pode ser utilizado de diferentes maneiras dentro da sala de aula. Na publicação educativa da 29^º Bienal de São Paulo, o *Caderno dos Professores* ressalta que “a ideia é encorajar os participantes para que acreditem em suas próprias percepções ao se relacionar com as obras e também obtenham informações que ampliem seu universo de compreensão da arte”.



Imagen 5 – Material Educativo 29^a Bienal de São Paulo

Fonte: Acervo da autora (2024)

As publicações oferecem uma base sólida de referências visuais e teóricas, ajudando o professor a ter ideias para desenvolver seu próprio conteúdo. Um outro aspecto positivo sobre as publicações são os diversos formatos e linguagens visuais, o que motiva o professor a experimentar diferentes abordagens de ensino.

Mas os dois materiais, por mais que tenham semelhanças em seus objetivos, possuem diferenças que precisam ser pontuadas:

É importante ressaltar que existe uma diferenciação em publicações educativas e materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Artes Visuais. As publicações educativas são o produto educativo de uma exposição de arte ou de um acervo permanente de um museu, por exemplo. Além disso, são produzidas pelas instituições para que os professores desenvolvam atividades em sala de aula. A maioria das publicações são pensadas e produzidas por educadores da própria instituição. Já o material didático-pedagógico, é produzido pelo professor, a partir de um diagnóstico realizado. A produção de um material didático-pedagógico, visa antes de mais nada, o conhecimento que o professor possui sobre os estudantes, o território onde a escola está inserida e o desejo do educador em desenvolver novas formas dos estudantes refletirem sobre um determinado assunto (Santos, 2024, p.12).

Distinguir o formato de cada material é crucial para entender como o uso pode ser otimizado em sala de aula, já que são ferramentas valiosas na construção de novas metodologias e práticas no ensino-aprendizagem em Artes Visuais.

Portanto, o professor antes de propor um material didático-pedagógico, pode se inspirar em outros materiais que já foram produzidos anteriormente, que dialoguem diretamente com os interesses e experiências dos estudantes. As publicações educativas podem oferecer um formato de apoio, que permite ao professor produzir materiais flexíveis. Ambos são ferramentas fundamentais que contribuem para o pensamento crítico e reflexivo, contribuindo assim, para que as aulas de arte sejam espaços de experimentações de novas metodologias.

Dessa forma, o professor tem a oportunidade de adaptar as atividades de acordo com as necessidades e contextos dos estudantes, criando uma abordagem mais significativa e engajadora. Esse processo contribui para que as aulas de arte se tornem ambientes ativos, onde os estudantes são incentivados a explorar suas ideias, expressar-se e desenvolver habilidades criativas, fomentando o protagonismo.

Essas publicações não serviram apenas como suporte didático, mas também como dispositivos de escuta e expressão. Ao convidar os estudantes a preencherem, refletirem e criarem a partir do material, as publicações passaram a registrar processos, vivências e experiências artísticas que muitas vezes ultrapassaram os limites da sala de aula. Em tempos em que a escola precisa se reinventar diante de novos desafios, considero as publicações educativas uma forma potente de resistência, de cuidado e de encantamento. Elas me permitem organizar pensamentos, compartilhar práticas, documentar trajetórias e inspirar outras ações pedagógicas, dentro e fora da sala de aula. Essas experiências seguem em construção - cada novo grupo de

estudantes, cada projeto coletivo ou individual, cada descoberta feita em aula se transforma, com o tempo e a escuta, em páginas vivas que contam histórias de aprendizagem e criação.

O uso de materiais didáticos-pedagógicos e publicações educativas em sala de aula representa um importante recurso de mediação do processo de ensino-aprendizagem. Esses materiais, quando bem planejados e alinhados aos objetivos educacionais, contribuem para o desenvolvimento da autonomia, da criticidade e do protagonismo dos estudantes. Assim, esses recursos deixam de ser apenas complementares e passam a ser fundamentais para uma prática pedagógica mais significativa, transformadora e comprometida com a formação integral dos sujeitos.

A FOTOGRAFIA E O ENSINO DE ARTES VISUAIS

Desde a sua invenção, a fotografia desempenha um papel importante, não só como um meio de documentação e registro, mas também como uma forma de expressão artística. A autora Susan Sontag (1977, p.79), observa que “uma fotografia é tanto uma interpretação do mundo quanto um registro dele”, indicando, portanto, que ao escolher o que e como registrar, o fotógrafo cria uma versão específica e interpretativa do mundo.

O impacto, do aumento do ato de registrar imagens, está diretamente ligado com o comportamento no mundo contemporâneo. Fotografar tornou-se uma maneira de moldar como vemos o mundo, transformando momentos e pessoas em representações em que todos podemos acessar com o uso das redes sociais. Sontag (1977, p.127) ainda aponta: “As câmeras definem a realidade de duas maneiras, essenciais e interligadas. Como uma duplicação do mundo, como uma miniatura portátil da realidade”. O ato de curtir, compartilhar e manipular fotografias, evidencia como nos relacionamos com as imagens que temos acesso de forma excessiva.

A escola, sem dúvida, é um espaço em que a fotografia está cada vez mais presente. Com o avanço tecnológico é natural que ela ocupe um espaço na vida dos estudantes de diferentes faixas etárias. Essa tecnologia, tão presente em nossas vidas, não pode ser desconsiderada quando tratamos do ensino de Artes Visuais.

Integrar a fotografia nas aulas, contribui para que os estudantes desenvolvam habilidades que vão além da prática artística, como desenvolver o pensamento crítico, a observação e a sensibilidade. Além disso, os estudantes podem registrar aspectos do seu cotidiano e da sua realidade, como a comunidade e o ambiente escolar.

O pensamento visual, que o ato de fotografar oferece, também se aproxima de um processo imaginativo e criativo a partir do que o estudante escolhe registrar:

Além de estimular a formarem um pensamento visual através da fotografia, fazendo e intervindo nas discussões sobre o que compreenderam sobre ela, pois esta também possui um caráter ilusório, que é reflexo da nossa imaginação e da realidade de como gostaríamos que o mundo fosse representado (Veras, 2012, p. 20).

A prática fotográfica, tem o poder de capturar e interpretar a realidade, despertando o potencial criativo dos estudantes, que também, precisam ser conscientes do impacto das imagens no mundo contemporâneo. Essa leitura é fundamental, para compreender, que a fotografia não é uma representação objetiva da realidade, mas uma interpretação subjetiva.

Portanto, a criatividade ao capturar e manipular imagens precisa ser associada com o senso de responsabilidade.

Segundo Berguer (1999, p.10), “Ver vem antes de falar. A criança olha e reconhece antes de poder falar”, tal afirmação enfatiza que a percepção visual é anterior a linguagem, reforçando a ideia de que a imagem também é uma forma de se comunicar. O ato de registrar imagens converte-se, portanto, em um modo de explorar ideias e emoções que talvez não pudessem ser expressadas verbalmente.

Mas para que os estudantes se sintam motivados a desenvolverem habilidades e a usarem a fotografia em sala de aula, é fundamental que o professor esteja alinhado com os conhecimentos acerca da prática fotográfica e das potencialidades que esta ferramenta oferece para o ensino de Artes Visuais.

Independente da abordagem que será escolhida para ensinar fotografia na sala de aula, “o educador tem que estar preparado para essa experiência e dos seus alunos que irão obter, a preocupação com a aprendizagem deve estar presente tanto quanto se trabalha com meios tradicionais” (Veras, 2012, p.17). Mesmo que a fotografia seja uma linguagem em que a espontaneidade possa fazer a diferença, a técnica não pode ser algo a ser desprezado.

A experiência da fotografia na educação das artes visuais instiga o educando a ter um olhar mais atento ao enquadramento, à estética e à composição, como também a ter sensibilidade para a escolha da imagem que obteve um melhor resultado de acordo com seu objetivo. E além dessa experiência de composição e reflexão sobre um enquadramento que valorize o trabalho, o educando pode pesquisar como a fotografia funcionava nos seus primórdios, e conhecer técnicas para a sua prática, utilizando-se de temas que tenham relações diretas ou indiretas com seu corpo e subjetividade. Dessa forma, o educando poderá olhar para si mesmo e para a fotografia como forma de expressão artística, pensando qual o seu lugar no mundo real, desidealizado e banal (Paz, 2010, p. 3).

É a partir da técnica fotográfica, que os estudantes poderão obter melhores resultados e consequentemente ampliar o olhar e a percepção sobre o assunto que desejam fotografar. O professor, sendo assim, é o responsável por orientar os estudantes, para que estes possam ter uma experiência significativa. Ele também é o responsável por discutir temas que são essenciais para uso da fotografia na

sala de aula, como a manipulação digital, direitos autorais e a privacidade, além de promover discussões sobre escolhas estéticas e as possibilidades de abordar questões sociais e culturais ao fotografar.

Além disso, deve-se considerar as múltiplas interações, para contribuir de alguma forma, por meio do aprofundamento da exploração das potências e papéis das imagens visuais na educação. Desse modo, a mediação que fazemos enquanto professores nos desafia a desenvolver com os estudantes tais reflexões que os possibilitem relacionar modos de ver com potenciais meios expressivos de criação (Silva, 2021, p. 366).

É importante que o professor também faça do ato de fotografar uma prática, uma vez que é a partir dessas experiências é possível exemplificar técnicas e olhares, sobre um determinado espaço ou objeto.



Imagen 6 – Milho Verde – Minas Gerais

Fonte: Acervo da autora (2021)

Sendo assim, o ato de fotografar como meio de criação no ensino de Artes Visuais, incentiva o uso de dispositivos digitais como uma ferramenta para expressar percepções e reflexões. Os estudantes aprendem não apenas a fazer registros, mas a manipular imagens, compreender suas potencialidades e seus significados, registrando a fotografia como uma forma de linguagem visual que dialoga com o tempo, o contexto e a subjetividade de cada indivíduo.

A proposta didática apresentada neste artigo convida professores a trabalharem a linguagem fotográfica como ferramenta crítica e poética para refletir sobre

a paisagem contemporânea, incentivando o olhar investigativo e estimulando a criação autoral. Desde os primeiros registros fotográficos, um dos principais temas de observação estética e de reflexão crítica trata sobre o espaço vivido. Na contemporaneidade, a fotografia ultrapassa sua dimensão meramente geográfica ou naturalista para incorporar discussões acerca da memória, da identidade, da urbanização e das transformações sociais e ambientais que marcam os territórios, neste caso, “fotografar é atribuir importância”. (Sontag, 2004, p.36).

Dentro do contexto escolar, trabalhar fotografia configura-se como uma estratégia pedagógica, capaz de promover a sensibilização dos estudantes em relação ao entorno em que vivem e de desenvolver competências de leitura crítica da imagem e do espaço. A proposta aqui apresentada parte da compreensão de que o ensino de Artes Visuais se fundamenta no exercício da criatividade e de uma perspectiva crítico-reflexiva, que enfatiza o protagonismo do estudante como produtor de sentidos e narrativas visuais. Tensionar discursos visuais e estimular leituras mais complexas sobre o meio ambiente, o território e a paisagem. Inspirada nos percursos educativos desenvolvidos para o material didático com base nas obras do artista Pedro Motta, a proposta se estrutura como uma experiência sensível e investigativa, se ancora na potência da imagem como ferramenta de questionamento e resignificação do espaço vivido, em que os alunos se tornam agentes ativos na produção de sentidos sobre o mundo que habitam.

O intuito desta proposta didática é desenvolver com os estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais uma experiência de leitura crítica e produção criativa de imagens fotográficas a partir da temática do espaço em que vivem. Por meio da observação, análise e criação de fotografias, os alunos serão estimulados a desenvolver um olhar mais atento e poético para as paisagens que os cercam, exercitando a sensibilidade e a percepção estética no contato com o cotidiano. A proposta busca provocar deslocamentos no modo como enxergam os trajetos diários e os elementos aparentemente banais do ambiente, incentivando a construção de narrativas visuais autorais.

O professor poderá iniciar a proposta com uma apresentação de fotografias de diferentes autores. A leitura de imagens pode considerar diversos aspectos conceituais como memória, transformação e identidade. O objetivo é aprofundar a reflexão sobre o ato de fotografar, não apenas como representação visual da natureza ou do espaço urbano, mas como uma construção simbólica que reflete as relações humanas com o território. A reflexão pode contemplar as seguintes perguntas que provoquem os estudantes a perceberem elementos antes ocultos do seu espaço:

Será que a fotografia pode mudar o nosso olhar? A arte está em todo lugar?

Como as nossas vivências dialogam com as imagens que vimos e produzimos?

Por que é importante discutir a transformação do nosso território? Como a fotografia pode colaborar com essas discussões?

A arte é uma ferramenta para propor discussões acerca da memória, do espaço e da natureza?

Segundo John Berger (1999) “ver procede o nomear”, ou seja, o ato de olhar antecede a formação de conceitos, mas também é atravessado por aquilo que sabemos, sentimos e vivemos. Portanto, discutir fotografia no contexto escolar é também uma oportunidade de revisitar o próprio modo de olhar o cotidiano e compreender que toda imagem é uma construção cultural mediada pelo tempo, pelo espaço e pela experiência.

Esta etapa é importante para desenvolver nos alunos o processo de observação do entorno e que estes espaços carregam memórias, cruzam com o processo de transformação urbana, degradação ambiental ou resistência cultural. Além disso, por meio da discussão, os alunos são convidados a perceber que o espaço que ocupam não é estático, ele está em constante processo de mudança e reflete as marcas das ações urbanas, da passagem do tempo e dos processos naturais. A partir dessa consciência, surge a motivação para fotografar esses espaços, não apenas como representação estática, mas como narrativa crítica e poética da realidade.

A etapa da prática fotográfica constitui-se como um momento central da proposta pois é a partir dela que os estudantes apresentarão a oportunidade de transformar suas percepções e o seu processo de investigação em registros fotográficos. Mais do que fotografar, esta etapa se configura como um exercício de observação sensível e de construção de significados. Conforme defende Ana Mae Barbosa (2010, p.15), a produção artística no contexto escolar deve estar vinculada a processos de reflexão e não apenas de exercícios técnicos. Os estudantes poderão, portanto, fotografar os espaços, seja no entorno da escola, no bairro onde vivem ou em locais de sua escolha, como a própria residência. As fotografias podem dialogar com os temas discutidos, como: transformação, abandono, beleza, resistência, natureza, urbanização, etc. O foco principal é elucidar os estudantes quanto ao processo de investigação e observação do próprio território.

A culminância da proposta didática se concretiza na organização de uma exposição coletiva das produções fotográficas dos alunos, como uma etapa de compartilhamento, reflexão e valorização das experiências. O processo de curadoria da exposição pode ser realizado com a participação ativa dos estudantes. Este processo contribui para que eles desenvolvam competências relacionadas à organização de discursos visuais, à mediação cultural e ao pensamento crítico.

Além da exposição, é recomendável promover uma roda de conversa, onde os alunos possam dialogar sobre os temas das imagens, como as transformações do território, questões ambientais, culturais, afetivas e urbanas. Por meio do diálogo, pode-se fortalecer o papel da escola como espaço de produção artística e de construção coletiva de conhecimentos. A exposição, portanto, valida os saberes dos estudantes, legitima suas narrativas visuais e os posiciona como autores do mundo contemporâneo, onde a imagem ocupa papel central na construção do discurso e das identidades.

O desenvolvimento desta proposta didática reafirma a potência da fotografia como linguagem expressiva, crítica e poética no ensino de Artes Visuais. Ao propor a leitura, a reflexão e a produção de imagens a partir dos espaços do cotidiano, os alunos são convidados a perceber o entorno não mais como um simples cenário, mas como um território de memórias, de experiências e de transformações constantes.

A prática fotográfica, articulada à leitura de imagens e à reflexão estética, constitui um caminho formativo que amplia o olhar sensível dos estudantes, desenvolvendo competências não apenas no campo da expressão artística, mas também na construção de uma consciência crítica sobre o espaço que habitam. Nesse sentido, a fotografia no contexto escolar se torna uma ferramenta de mediação entre o sujeito e o mundo, promovendo aprendizagens significativas, a valorização das experiências e a construção de narrativas autorais. Espera-se que com esta proposta a fotografia possa ser um meio para que os estudantes possam olhar o mundo, atribuir-lhe significado e sobretudo, transformá-lo.

Além disso, ao integrar a fotografia às práticas pedagógicas em Artes Visuais, cria-se um ambiente propício para o diálogo entre diferentes linguagens e saberes, possibilitando que os estudantes articulem sua produção imagética com referências culturais, sociais e históricas. Esse processo fortalece o protagonismo discente, amplia repertórios visuais e contribui para a formação de sujeitos criativos, capazes de compreender e intervir na realidade por meio da arte.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Erika Natacha Fernandes de; FREITAS, Silmara Cristina Nery de. *As Experiências De Artistas De Corumbá/MS E a Formação Estética Nos Espaços Escolares*. 2023.

BARBOSA, Ana Mae. *Imagen no ensino da arte: anos 80 e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BERGER, John. *Modos de Ver*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BIENAL. 29ª Bienal de São Paulo. *Material Educativo*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2010.

BIENAL. 30ª Bienal de São Paulo. *Material Educativo*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2012.

BIENAL. 31ª Bienal de São Paulo. *Material Educativo*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2014.

CUNHA, Júlia Maria de Jesus. *Ensino de Artes: dificuldades, experiências e desafios*. Periódico de Divulgação Científica da FALS, Praia Grande, ano VI, n.Xiv, p.1-20, dez. 2012. Disponível em: https://www.fals.com.br/revela/edicoesanteriores/ed14/art_exp05_14.pdf. Acesso em: 2 de out. 2024.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HOFSTAETTER, Andrea. *Criação de material didático em artes visuais: dispositivos sensíveis para a proposição de experiências de aprendizagem*, In Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26º, 2017, Campinas. Anais do 26º Encontro da Anpac. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.2077-2092.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Universidade de Barcelona, Espanha. 2002.

LOYOLA, G. *Professor-artista-professor: materiais didáticos-pedagógicos e ensino aprendizagem em arte*. Orientadora: Lúcia Gouveia Pimentel. 2016. Tese (Doutorado) UFMG, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/EBAC-A9GJ98>. Acesso em 23 out. 2024.

PAZ, Thais Raquel da Silva. *Educação das artes visuais: corpo, subjetividades e diferenças na perspectiva da fotografia*. Revista Digital do LAV, [S. I.], v. 4, n. 4, p. 025–036, 2010. DOI: 10.5902/198373482199. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/2199>. Acesso em: 25 out. 2024.

PEDRO MOTTA – Galeria Luisa Strina. 2024. Disponível em: <https://www.luisastrina.com.br/artists/60-pedro-motta/biography/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

SANTOS, Josiene Gomes dos. *A fotografia como recurso no ensino de Artes Visuais: produção de material didático-pedagógico a partir das obras de Pedro Motta*. Universidade Federal de Minas Gerais. Especialização Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas. Belo Horizonte. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/33781> Acesso em: 03 de nov. 2024.

SILVA, Leandro de Souza. *A linguagem fotográfica no ensino de artes visuais: possibilidades de criação, reflexão e crítica*. Universidade Federal do Tocantins. Revista Humanidades e Inovação v.8,n.38. 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2502> Acesso em 25 out. 2024.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. Trad: Rubens Figueiredo. São Paulo. Companhia das Letras, 2004.

VERAS, Carla Maria Maia. *A educação em artes visuais e a fotografia: implicações pedagógicas*. Universidade Aberta do Brasil – UAB; Universidade de Brasília – UNB Instituto de Artes – IdA; Departamento de Artes Visuais- VIS. Trabalho de Conclusão de Curso. Acre. 2012. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/5463> Acesso em 23 out. 2024.

APÊNDICE A – PROPOSTA PEDAGÓGICA

FRAGMENTOS DO ENTORNO: PROCESSOS DE CRIAÇÃO, LEITURA E REFLEXÃO FOTOGRÁFICA

INTRODUÇÃO

A fotografia, como linguagem artística e cultural, ocupa um lugar de destaque no cotidiano contemporâneo, pois integra as formas de comunicação, registro e expressão visual que compõem a experiência social. No ambiente escolar, ela se apresenta como uma ferramenta potente para o desenvolvimento da sensibilidade estética, da reflexão crítica e da autonomia criadora dos estudantes. Ao propor a criação de imagens fotográficas a partir do entorno, o projeto busca despertar o olhar dos alunos para o espaço em que vivem, estimulando-os a perceber, interpretar e ressignificar aspectos da realidade que muitas vezes passam despercebidos.

Segundo Dewey (2010), a educação torna-se mais significativa quando associada à experiência estética, pois promove um aprendizado integral que articula conhecimento, emoção e prática criativa. Nesse sentido, este projeto propõe um percurso pedagógico que envolve leitura de imagens, reflexão teórica, produção fotográfica e exposição, entendendo a arte como campo de investigação crítica e de expressão subjetiva, mas também como prática coletiva que valoriza as vivências compartilhadas. A iniciativa dialoga com autores como Ana Mae Barbosa (1991), que defende a importância da articulação entre fazer, contextualizar e apreciar na educação em artes, e reforça a relevância de integrar o olhar estético à realidade cotidiana dos estudantes, ampliando sua capacidade de compreensão e de intervenção no mundo.

JUSTIFICATIVA

A escola é um espaço privilegiado para promover experiências que contribuam para a formação crítica, estética e cidadã dos estudantes. O uso da fotografia como recurso pedagógico permite não apenas desenvolver competências técnicas e

artísticas, mas também estimular a sensibilidade para questões sociais, culturais e ambientais presentes no entorno da comunidade escolar.

Ao incentivar os estudantes a produzirem imagens a partir de seus próprios olhares, a proposta favorece o protagonismo juvenil, a valorização das identidades e a construção de sentidos coletivos. A reflexão fotográfica possibilita, ainda, a criação de espaços de diálogo entre a produção dos alunos e as referências artísticas, aproximando a prática escolar da experiência cultural contemporânea. A presente proposta didática apresentada destina-se prioritariamente a estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, abrangendo as turmas de 8º e 9º ano, com faixa etária média de treze a quinze anos. A escolha desse público fundamenta-se em aspectos relacionados ao desenvolvimento cognitivo e à maturidade perceptiva e crítica que os estudantes demonstram nestas fases da educação básica. A proposta prevê uma sequência de atividades articuladas que envolve a leitura de imagens, discussão de conceitos relacionados à fotografias de artistas contemporâneos, práticas de registro visual e a produção de séries fotográficas com ênfase na reflexão estética e crítica.

Desenvolver o olhar crítico e poético do espaço vivido.

OBJETIVO GERAL

Promover processos de criação, leitura e reflexão fotográfica que possibilitem aos estudantes desenvolver sensibilidade estética, consciência crítica e protagonismo na construção de narrativas visuais sobre o entorno em que vivem.

Objetivos específicos

Estimular a observação e o registro do espaço cotidiano por meio da fotografia;
Desenvolver a capacidade de leitura crítica de imagens;

Articular teoria e prática, conectando reflexões estéticas com a produção fotográfica dos estudantes;

Valorizar a diversidade de olhares e perspectivas na construção de narrativas visuais coletivas;

Producir e socializar uma exposição fotográfica que dialogue com a comunidade escolar; Incentivar a produção de séries fotográficas autorais.

METODOLOGIA

A metodologia proposta será estruturada em etapas articuladas, envolvendo momentos de estudo, reflexão, prática e socialização:

Apresentação de imagens e discussão temática

Nesta etapa, sugere-se a apresentação de referências de artistas e fotógrafos que trabalham com o espaço urbano, a paisagem e a memória coletiva, incluindo artistas contemporâneos e fotógrafos documentais, como por exemplo: Sebastião Salgado, Walter Firmo, Cláudia Andujar, Pedro Motta e Alex Flemming.



Imagen 1 – Pedro Motta - Reação Natural (#6)

Fonte: catalogodasartes.com.br

A proposta metodológica envolve momentos de estudo, reflexão, criação e socialização. Inicialmente, os estudantes terão contato com discussões temáticas que problematizam o papel da imagem na sociedade contemporânea, bem como a leitura de obras de fotógrafos e artistas visuais que dialogam com questões sociais, urbanas e culturais.

Esse processo será enriquecido pelo uso da publicação educativa da 32^a Bienal de São Paulo que conta com imagens que ampliará o repertório visual e conceitual dos estudantes, oferecendo recursos para que os alunos compreendam a fotografia e as artes visuais em diálogo com questões sociais, políticas e culturais de seu tempo. Ao explorar essas publicações, os estudantes podem relacionar sua própria produção com discussões mais amplas que atravessam a arte contemporânea, como a memória, a identidade, o território e a experiência coletiva. Dessa forma, a publicação educativa não se limita a um suporte didático, mas atua como um mediador cultural, promovendo encontros entre os jovens e os diferentes modos de ver e interpretar o mundo apresentados pelos artistas (BIENAL DE SÃO PAULO, 2016). As imagens funcionam como disparadores de reflexão, convidando os estudantes a relacionar sua própria experiência cotidiana com questões de ordem global, como o meio ambiente, a coletividade, a memória e a identidade cultural.

Prática fotográfica

As fotografias apresentadas como exemplo para esta etapa, foram resultados de processos dos percursos do material didático pedagógico a partir das obras de Pedro Motta. É importante ressaltar que nesta etapa o professor poderá usar trabalhos autorais ou trabalhos que tenham sido produzidos por outros estudantes, caso tenha. As imagens poderão ser enviadas por um e-mail disponibilizado para este fim, ou utilizar a plataforma Padlet, que permite o compartilhamento de imagens e a criação de um mural interativo e colaborativo.

Proponha-se a socialização e discussão coletiva das fotografias produzidas, promovendo uma reflexão sobre as escolhas criativas e as interpretações possíveis. Nesse processo, o diálogo entre produção individual e coletiva se torna essencial, pois o estudante aprende a respeitar sua autonomia criativa, ao mesmo tempo em que compartilha experiências com seus colegas. Esse movimento de partilha fortalece a dimensão colaborativa da aprendizagem em arte, permitindo que cada estudante amplie seu repertório a partir do contato com diferentes perspectivas. O confronto entre olhares diversos estimula a construção de sentidos múltiplos sobre a realidade registrada, transformando a fotografia em um espaço de diálogo e não apenas de expressão individual.



Imagen 2 - Ficha Desconhecido-Conhecido

Fonte: Acervo da autora (2022)



Fonte: Acervo da autora (2022)

Imagen 3 - Ficha Caminho Investigado



Fonte: Acervo da autora (2022)

Imagen 4 - Ficha Ação e Reação



Imagen 5 - Ficha Mudança Imposta

Fonte: Acervo da autora (2022)

Exposição Fotográfica

A exposição fotográfica constitui a culminância do projeto e deve ser entendida não apenas como uma mostra final de trabalhos, mas como uma etapa de aprendizagem que envolve múltiplas dimensões pedagógicas e culturais. A curadoria das imagens será construída de forma colaborativa, permitindo que os estudantes discutam critérios de seleção, organização espacial e conceitual das obras. Esse processo incentiva a reflexão sobre o papel do curador, o sentido da narrativa visual coletiva e a importância do espaço expositivo como mediador entre a produção artística e o público.

A montagem da exposição também assume um caráter formativo, pois estimula o planejamento conjunto, a divisão de tarefas e a responsabilidade compartilhada, elementos fundamentais para o desenvolvimento da autonomia e do trabalho em grupo. Além da seleção das fotografias, os estudantes serão responsáveis pela elaboração de legendas, textos de apoio e possíveis materiais gráficos de divulgação, o que amplia as possibilidades de expressão e articula diferentes linguagens.

A abertura da mostra é pensada como um momento de diálogo com a comunidade escolar e, sempre que possível, com familiares e moradores do entorno. Esse contato reforça o valor da arte como instrumento de socialização e de fortalecimento dos vínculos entre escola e comunidade. A mediação realizada pelos próprios estudantes, ao apresentar suas obras e processos criativos, favorece a construção de um protagonismo juvenil que ultrapassa os muros da escola, posicionando-os como sujeitos ativos na produção cultural. Desse modo, a exposição não se reduz a um produto final, mas se consolida como um espaço de formação estética, crítica e cidadã. Sugere-se que esta etapa também poderá ser virtual, caso o professor queira criar galerias virtuais em plataformas colaborativas, ampliando o alcance e permitindo que outros membros da comunidade escolar também tenham acesso às produções.

Quadro 1 Síntese das aulas

Etapa	Conteúdo/Atividade	Recursos	Tempo Estimado
1	Discussão temática e leitura de imagens	Projetor, imagens de diferentes artistas que trabalham com a fotografia contemporânea.	2 aulas

2	Análise das imagens da 32ª Publicação Educativa da Bienal de São Paulo	Publicação disponibilizada pelo site da Bienal de São Paulo na página Biblioteca.	2 aulas
3	Explicação sobre a prática fotográfica “Fragments do entorno”	Projetor, imagens pré-selecionadas.	1 aula
4	Socialização e análise das imagens	Projetor, computadores.	2 aulas
5	Curadoria coletiva e elaboração de textos	Lápis, papel, fotografias impressas.	2 aulas
6	Montagem da exposição	Espaço escolar, painéis, impressões fotográficas, fita adesiva.	3 aulas
7	Avaliação	Projetor e fotos da exposição.	1 aula

AVALIAÇÃO

A avaliação nesta proposta se configura como parte integrante e formativa do processo de ensino-aprendizagem. Em consonância com a abordagem da fotografia contemporânea, o processo de observação, escuta e percepção estética, construção poética e reflexão crítica que se desenrolam ao longo de todas as etapas da proposta. Alguns critérios podem ser indicadores da avaliação, como: participação e engajamento nas discussões e nas atividades propostas, desenvolvimento do olhar crítico e sensível, coerência poética, estética e conceitual, capacidade de reflexão e argumentação e autonomia, criatividade e autoria. A avaliação do projeto considerará a participação dos estudantes nas discussões temáticas e nas leituras de imagens, observando sua disposição em dialogar e relacionar os conteúdos abordados com suas próprias experiências. Também será analisado o engajamento na produção fotográfica e nas atividades coletivas, de modo a valorizar tanto o empenho individual quanto a colaboração em grupo. Outro aspecto importante diz respeito à capacidade de reflexão crítica e à expressão de ideias em diferentes formatos, sejam orais, escritos ou visuais, demonstrando a apropriação dos conceitos

discutidos ao longo do processo. A contribuição para a organização e realização da exposição fotográfica será igualmente observada, reconhecendo a importância da responsabilidade compartilhada e do protagonismo dos estudantes na socialização das produções. Por fim, a criatividade e a originalidade na abordagem fotográfica do entorno terão peso significativo, uma vez que revelam a singularidade dos olhares e a diversidade de interpretações sobre a realidade. Sugere-se que a avaliação seja sobre o processo de aprendizagem e não apenas sobre o resultado final, valorizando o percurso individual e coletivo como experiência formativa essencial.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 1991. BERGER, John. *Modos de ver*. 2. Ed. São Paulo: Rocco, 1999.

BIENAL DE SÃO PAULO. *Publicação Educativa: 32ª Bienal de São Paulo*. São Paulo: Fundação

Bienal de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://bienal.org.br/biblioteca/page/4/> Acesso em: 26 ago. 2025.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

CATÁLOGO DAS ARTES – Pedro Motta, Reação Natural (#06#). 2024. Disponível em: <https://www.catalogodasartes.com.br/obra/AetAt/>. Acesso em: 26 jun. 2025.

SANTOS, Josiene Gomes dos. *A fotografia como recurso no ensino de Artes Visuais: produção de material didático-pedagógico a partir das obras de Pedro Motta*. Universidade Federal de Minas Gerais. Especialização Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas. Belo Horizonte. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/33781> Acesso em: 03 de nov. 2024.